www.observatoriodacritica.com.br

O sistema intelectual brasileiro na crítica de Luiz Costa Lima[1]

Laís de Pinho Dias[2]

Como descrever, contextualizar e entender o trabalho de um crítico literário no cenário brasileiro contemporâneo? Compreendido como intelectual, como se dá a participação do crítico literário no processo de modernização das assim-chamadas sociedades periféricas? O presente trabalho aposta em tais questões através do estudo da atuação intelectual de um dos mais importantes nomes da crítica literária brasileira da atualidade – Luiz Costa Lima –, priorizando-se o enfoque dos textos autobiográficos por ele produzidos (memorial, depoimentos, entrevistas, etc.) e relacionando-os aos textos teóricos nos quais o crítico busca analisar a formação e a configuração do campo intelectual em nosso País.

Nesse campo, o estudo sobre a produção crítica e metacrítica de Luiz Costa Lima torna-se fundamental, uma vez que, em muitas de suas publicações e em seus posicionamentos teóricos, o autor problematiza questões relacionadas ao sistema intelectual e ao seu processo de formação, o que motiva a realização de uma leitura comparativa entre obra e vida, isto é, entre as idéias

---

[1] Trabalho como bolsista CAPES, desenvolvido em 2010, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Rachel Lima e apresentado no II Fórum Nacional de Crítica Cultural, em Alagoinhas-Ba.

[2] Mestranda do curso de Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. laisdepinhodias@gmail.com

por ele desenvolvidas no que se refere a essa esfera e seu percurso profissional. Nesse sentido, o trabalho incorpora os princípios da crítica biográfica, compreendida como uma nova alternativa metodológica propiciada pela abertura teórica decorrente do que se convencionou chamar de "guinada subjetiva"[3] nos estudos humanísticos, assim como do enfraquecimento dos limites disciplinares, atentando para os trânsitos e deslocamentos de conceitos e lugares e observando a figura do autor, seu lócus de enunciação e sua prática, não apenas enquanto escritor ou crítico, mas também enquanto intelectual que intervém em seu campo de atuação e na esfera sócio-política, de modo geral, conforme observa Eneida Maria de Souza, ao discorrer sobre as características da nova crítica biográfica.[4]

As intervenções de Luiz Costa Lima no cenário dos estudos literários têm se dado de forma ruidosa, desde os anos 1970, quando ele se tornou um dos principais responsáveis pela divulgação de novos aportes da teoria literária no Brasil. Conforme Regina Lúcia de Faria – que desenvolve, no Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes, um projeto que busca investigar a trajetória crítico-docente de Costa Lima e Silviano Santiago enquanto professores nos programas de mestrado e doutorado da PUC-RJ –, o efervescente pronunciamento do crítico em defesa de uma teorização mais incisiva para os estudos sobre literatura, na época, "provocou reação não só imediata, mas uma reação irada"[5] por parte dos pares. Em *Quem tem medo de teoria?*,[6] um dos textos que acende uma das polêmicas de que participou, o crítico, atentando para as mudanças ocorridas no campo das produções literárias e críticas desde a década de 1950, aponta que, embora tenha havido uma diversificação na

---

[3] SARLO. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva.
[4] SOUZA. Notas sobre a crítica biográfica. p. 110.
[5] FARIA. A polêmica do Estruturalismo ou "Quem tem medo de teoria?".
[6] LIMA. Quem tem medo de teoria?

prosa e poesia brasileiras, "na frente propriamente crítica, o salto talvez tenha sido menor", uma vez que o progresso da crítica literária brasileira tenha acontecido mais em termos metodológicos que teóricos. Não obstante o reconhecimento do empenho de autores como Antonio Candido, Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos — que propunham uma reflexão diferenciada da de Sílvio Romero e Álvaro Lins, por exemplo —, o crítico defende a diferença entre teoria e metodologia, ainda não desenvolvidas de maneira clara na crítica literária nacional. Em suas palavras,

> Para que se entenda o argumento necessitamos ter bem presente que metodologia não se confunde com teoria. Não há por certo uma sem a outra, mas podemos desenvolver um argumento metodológico ou deixando implícito seu embasamento teórico como é freqüente em Candido - ou o explicitando por repetições do já escrito - o caso em A. Coutinho - ou ainda por desenvolvimentos assistemáticos - a exemplo do que sucede em Haroldo de Campos. Não dizemos portanto que o pensamento crítico permaneceu parado, mas sim que, numa escala de ruptura, ele se manteve mais próximo da situação tradicional que o todo da criação literária.[7]

Ao longo do ensaio, construído em defesa de um rigor teórico para o estudo da literatura, Costa Lima elenca uma série de questões problematizadas por ideólogos da esfera literária a respeito do lugar e do papel da crítica, às quais responde de maneira não menos ácida. Como exemplo, ressaltem-se o quinto e último pontos por ele listados. Neles, o autor transcreve um problema recorrente na batalha travada entre literatos e críticos — e que hoje ainda circula e se desdobra em alguns lugares. A proposição constrói-se a partir da idéia de que a atividade teórica, sendo "produto de incapazes e não humildes", destitui o prazer do texto em nome de sua análise. Nesse sentido, conforme depoimento, "incapaz de construir, o teórico atualiza o que o crítico já trazia em potência: a raiva demolidora do texto

---

[7] LIMA. Quem tem medo de teoria?

alheio. Descendente dos 'chato boys' de que Oswald falava, o teórico é o que escreve sobre o que não sabe fazer. Gritemos pois um basta, antes que seja tarde!".[8] Esse julgamento a que o autor faz referência diz respeito ao Estruturalismo, corrente que, dialogando com a lingüística, a psicanálise e a antropologia, fora introduzida e defendida por Costa Lima e alguns pares na ocasião e, como uma nova frente, se por um lado, incomodava os confrades beletristas, por outro, "descentralizava e até mesmo colocava em xeque o poder de definição dos critérios de literariedade que orientavam o cânone até aquela época".[9]

A declarada defesa em prol de um rigor teórico e/ou uma maior cientificidade para o estudo da literatura propagada por Costa Lima passa então a ser motivo de réplicas enérgicas por parte de acadêmicos. Mas não só. Também alguns poetas, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, manifestaram a sua indignação a essa *violência*, que passava a ser praticada em proporções muito maiores. O poema *Exorcismo*, conforme observou Regina Faria, no ensaio *A polêmica do Estruturalismo ou "Quem tem medo de teoria?"*, é um dos protestos desencadeados em defesa de uma autonomia do literário, conforme se observa:

> Das relações entre topos e macrotopos
> Do elemento suprassegmental
> *Libera nos, Domine*
> Da semia
> Do sema, do semema, do semantema
> Do lexema
> Do classema, do mema, do sentema
> *Libera nos, Domine*
> (...)
> Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
> De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser,
> De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov
> De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva*
> *Libera nos, Domine*[10]

---

[8] LIMA. Quem tem medo de teoria?
[9] LIMA. A Crítica Cultural na Universidade. p. 170-186.
[10] DRUMMOND. Exorcismo. p 793.

Combatendo a noção de que "o poema não foi feito para ser estudado", e que tal atividade seria um ato de violência "contra o que há de mais entranhadamente humano", Luiz Costa Lima confronta. E vai além. Discute e divide um problema presente no sistema literário brasileiro como um todo, apontando para uma lógica sócio-cultural do País.

> Talvez sejamos incapazes não porque teóricos, mas sim porque escritores, em uma sociedade que de nós prescinde. Talvez sejamos não humildes não porque esquecidos de nossa impotência, mas porque, bem ou mal, enfrentamos a decisão de mostrar que a linguagem não é propriedade de ninguém, nem do autor do poema, nem do leitor que o curtiu, nem muito menos do intérprete "não teórico" que nos antecedeu. Em suma, quem tanto acusa a teoria? Se queremos combater o bom combate - o do estímulo ao conhecimento da literatura - teremos de atacar a teorização presente pelos defeitos que acusa: as ambigüidades que a perseguem, a falta de informação em campos necessários, a dificuldade evidente em aprender a falar do texto e não sobre o texto. Criticá-la ao fazê-la. Ou então demonstrar por que não mais fazê-la. Mas não é bem isso o que atualmente temos visto. Ataca-se a teoria - ou o estruturalismo, ou a vanguarda, termos curiosamente tomados como sinônimos - por ser teoria. Procura-se exorcizá-la arrolando-se nomes complicados que lembram aos leitores a dificuldade de sua leitura. O que estaremos assim na verdade defendendo: a propriedade da poesia para o homem ou a poesia como propriedade de certos homens?[11]

Para além da apreciação desinteressada, a atividade teórico-crítica em Luiz Costa Lima busca "desenvolver o pensamento crítico até à dimensão da teorização sobre a própria literatura, como um discurso entre outros muitos".[12] Entretanto, essa prática é dificultada por um fator de ordem sócio-cultural que revela na crítica brasileira uma suposta marca da dependência cultural.

A discussão sobre o processo de formação da intelectualidade nacional, inaugurada mais sistematicamente no ensaio *Da*

---

[11] LIMA. Quem tem medo de teoria?
[12] LIMA. Quem tem medo de teoria?

existência precária: o sistema intelectual no Brasil, aparece em relevo na produção do autor. Desde sua publicação, o crítico tem sido referência no debate que tematiza o processo de constituição e consolidação do campo intelectual brasileiro. Para ele, a perpetuação dos laços de dependência para com a "metrópole" é um fator que desencadearia a inexistência de um sistema intelectual autônomo no Brasil, configurando-se nossa vida cultural pela ausência de um emprego reflexivo e crítico, pelo receio de ser original e pela lógica do clientelismo. Nessa perspectiva, Costa Lima ressalta algumas das características que definem de forma negativa o nosso sistema intelectual: é ele resultado de uma cultura preponderantemente auditiva, voltada para fora, e sem um centro próprio de decisão. Conforme o crítico, no ensaio polêmico de 1975, "nosso sistema intelectual sempre foi algo extremamente rarefeito".[13] E isso se deve, em parte, à "faixa estreita de leitores com que o autor contava",[14] evocando as condições com as quais o escritor se deparava frente ao sistema literário existente no País, a partir de Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira*. Segundo Costa Lima, ao estar estreitamente vinculado ao jornal e à tribuna, o escritor era obrigado a compor para si um perfil que, oscilando entre o "fácil e ligeiro" e o "grandiloqüente e oratório", atingisse, de maneira ou de outra, o seu público. Mais que ilustrar os perfis que então eram forjados, o crítico questionava, na época, as bases culturais que os propiciaram, conforme observa: "Enquanto, por conseguinte, não se mudassem as bases sociais que empurravam o escritor para o jornal e para a tribuna, não poderia ser esperada uma mudança nesse perfil".[15]

---

[13] LIMA. Quem tem medo de teoria?
[14] LIMA. Quem tem medo de teoria?
[15] LIMA. Quem tem medo de teoria?

Tais afirmações convergem para um pensamento que tem como principal eixo o processo de formação nacional – dependente, desde o berço, de outra cultura – que acumula problemas de difícil resolução, como a lógica do favor. Dessa prática, evidentemente, nem ele escaparia. Curiosamente, em *Esboço de uma autobiografia intelectual*, texto que introduz o livro *Vida e Mimesis*, Luiz Costa Lima, ao discorrer sobre o seu percurso acadêmico, revela um problema comumente discutido em torno do sistema intelectual no Brasil: a referida lógica do favor. Impossibilitado de ser aceito na UFRJ devido à sua posição política e à sua aposentadoria precoce pelo AI/1, o crítico foi ensinar, como substituto, na Escola de Desenho Industrial, onde conheceu Ana Luísa Escorel, filha de Antonio Candido, que acabou por mediar a relação entre ambos. Foi graças a essa intervenção que Luiz Costa Lima conseguiu continuar na carreira universitária e, devido às suas publicações anteriores, a congregação da USP lhe deu o direito de fazer diretamente o doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, sob a "orientação apenas formal"[16] do próprio Antonio Candido, de quem divergia teoricamente desde aquela época, o que nos leva a pensar que, paradoxalmente, o autor talvez buscasse, com a exposição desses fatos e dessas divergências, romper com a relação intrínseca entre o favor e a dependência intelectual, tão criticada por ele como elemento fundador do sistema intelectual brasileiro. Da mesma forma, ao contrário do que normalmente ocorre nos diversos textos que têm sido publicados em obras em homenagem aos críticos da primeira e da segunda geração universitária, o autor fez questão de discordar do sentido elegíaco adotado por seus pares no que se refere à apreciação da obra de seu ex-orientador, Antonio Candido, no livro *Dentro do texto, dentro da vida*. Não obstante, foi ao mestre paulista que Costa Lima dedicou uma de suas principais

[16] LIMA. Esboço de uma autobiografia intelectual. p. 34.

obras – *Sociedade e discurso ficcional*. Nesse sentido, talvez se possa dizer que Costa Lima busca, com atitudes desse tipo, contribuir para que o campo intelectual brasileiro se mostre menos avesso a uma espécie de tradição reflexiva, libertando-se das malhas de jogos políticos e favores intelectuais.

A dependência cultural e a intelectualidade brasileira são questões também privilegiadas por Silviano Santiago, de maneira peculiar, em *Apesar de dependente, universal*. Segundo o crítico mineiro, a ambivalência de estar entre o ser e o não ser o Outro é o que caracteriza o "drama ético do intelectual brasileiro face a todas as minorias da América Latina".[17] Repensando sobre o atraso de uma cultura em relação à outra ou a falta de originalidade, possivelmente característicos de uma cultura colonizada, o autor aposta em sua potência, enfatizando a força coerciva da dependência cultural, que busca nos inserir de forma inferiorizada na cultura universal. Transformando uma possível ausência em presença, Santiago entende o "torcicolo cultural", para aqui usar a polêmica expressão de Roberto Schwarz, como uma forma de apropriação e aprimoramento das produções culturais. No texto *O discurso crítico brasileiro*, Eneida Maria de Souza também aborda a discussão sobre a dependência cultural, ressaltando a existência de diferentes pontos de vista, "levando-se em conta ora o descompasso entre as idéias importadas e a sua atualização nos países periféricos, ora a aceitação do atraso como ardil para a aquisição dos empréstimos culturais".[18] Para ela, esta é uma zona fundamentada nos estreitos laços construídos entre modernização e transculturação, e não estagnada entre limites rijos e antinomias hierarquicamente dispostas. Diante disso, Souza discute a formação do sistema in-

---

[17] SANTIAGO. Apesar de dependente, universal. p.3
[18] SOUZA. O discurso crítico brasileiro. p. 45.

telectual, buscando desconstruir noções partilhadas por Costa Lima, como "atraso cultural", "dependência" e "imitação acrítica da metrópole".

Diante do panorama, nota-se a coexistência de duas vias distintas de interpretar o nosso campo intelectual, a partir de abordagens contemporâneas entre si - o que mobiliza, através de divergências e tensões, o fazer crítico. Refletir sobre as problemáticas e possíveis contradições com que se deparam os ideólogos, em especial o crítico em estudo, nos ajuda a entender o funcionamento do campo da crítica na esfera acadêmica através da obra de seus agentes. Desde a retomada mais sistemática das discussões acerca da dependência cultural, nas décadas de 1960 e 1970, ampliam-se as discussões e instaura-se um debate incessante no cenário da crítica literária brasileira. A criação de grupos de pesquisa, como o Núcleo de Estudos da Crítica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e do recente curso de Mestrado em Crítica Cultural e Pós-crítica, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia, são alguns dos marcos que atestam o movimento desse segmento na universidade e que nos fazem não apenas refletir sobre os processos de instauração de um campo intelectual no País, como também sobre a mobilização e o percurso de seus agentes. Esse texto, nessa via, investe em tal debate, apresentando-se como passo inicial para uma maior reflexão sobre a crítica e sobre o crítico em estudo.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira.* Vol. 2. São Paulo: Itatiaia, 1975.

D'INCAO, Maria Ângela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida:* ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DRUMMOND, Carlos. Exorcismo. In: _____. *Poesia e prosa* (volume único). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p 793. In: FARIA, Regina Lúcia de. *A polêmica do Estruturalismo ou "Quem tem medo de teoria?"* Anais da ABRALIC, 2008. LIMA, Luiz Costa. *Quem tem medo de teoria?* In: Revista de Cultura Vozes, nº9/1975/Ano69.

FARIA, Regina Lúcia de. *A polêmica do Estruturalismo ou "Quem tem medo de teoria?"*. Anais da ABRALIC, 2008. Disponível em: < http://www.abralic.org>. Acesso em: 23 ago 2010.

LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro. In:_____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

_____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. Esboço de uma autobiografia intelectual. In:_____. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Quem tem medo de teoria?* In: Revista de Cultura Vozes, nº9/1975/Ano69. Disponível em: <http://www.cesargiusti.ddfnet.com.br/ufpe/crt2/hps/lcl/quem.pdf>. Acesso em: 23 ago 2010.

LIMA, Rachel Esteves. A Crítica Cultural na Universidade. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Navegar é preciso. Viver...*Escritos para Silviano Santiago. Editora UFMG, EdUFBA, EdUFF, 1997.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In:_____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982. Disponível em http://www.ufrgs.br/cdrom/santiago/santiago.pdf. Acesso em 23 ago 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In:_____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. O discurso crítico brasileiro. In:_____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.